

tinção entre dois planos que costumam ser confundidos, de tal modo que as discussões acerca da neutralidade do conhecimento científico não venham a transformar a ciência num bode expiatório dos grandes males do nosso tempo. Refiro-me, de um lado, ao plano lógico ou metodológico da ciência enquanto conhecimento fundamentado, que também diz respeito à filosofia, o qual tem sido desde o albor da idade moderna, um instrumento crítico de primeira ordem. Se podemos falar de ciência com letra maiúscula é nesse sentido de um modo de pensamento, de um tipo de racionalidade capaz de legitimar e de organizar os conhecimentos dentro de um permanente circuito, que vai da generalização teórica às instâncias de confirmação empírica, ou que sobe destas para aquela. Esse circuito, em que se encerra o processo de legitimação, caracteriza sempre o que é científico, em sua universalidade histórica, resgatável às contingências das ideologias. Como reconhecer o ideológico e operar a sua crítica, senão colocando-nos no território da racionalidade, embora vulnerável? Outro plano é o da efetuação da ciência no mundo moderno, incluindo essa efetuação e direcionamento das pesquisas, a seleção dos objetos de interesse, em torno dos quais afluem os condicionamentos sociais e políticos da prática científica chamada tecnologia. Nesse sentido de efetuação, é que a ciência, tal como admitiu Francis Bacon, torna-se um poder em concorrência ou em aliança com outros poderes.

Pedro Pinho de Assis

(Professor-Assistente do Departamento de Letras Vernáculas e do Departamento de Filosofia)

A CIÊNCIA NÃO É NADA NEUTRA - MUITO

PELO CONTRÁRIO!

Favoreceu-se o desenvolvimento das ciências nos últimos séculos, em parte porque com elas e por meio delas esperava-se compreender melhor a bondade e a sabedoria de Deus - motivo capital da alma dos grandes ingleses (como Newton); em parte, porque se acreditava na absoluta necessidade do conhecimento, especialmente no nexos o mais íntimo entre a moral, a ciência e a felicidade - motivo capital dos grandes franceses (como Voltaire); em parte, porque se pretendia possuir e amar na ciência algo de desinteressado, de inofensivo, de auto-suficiente, de verdadeiramente inocente, algo em que os maus impulsos do homem não teriam absolutamente nenhuma parcela - motivo capital da alma de Spinoza, o qual, enquanto sujeito cognoscente, se sentia divino. Portanto, em razão de três erros!

NIETZSCHE (apud Jean-Jacques Salomon,
in Science et Politique).

I

Várias observações ou comentários críticos, girando em torno da questão da neutralidade científica (!?), tenho a fazer a este segundo texto do colega Bassalo, que é uma réplica (no bom sentido) a alguns pontos do debate de sua comunicação inicial sobre a "Cadeia de Cognição na Física", hoje reaberto. Colega, disse eu, por que se dignou ele, ao contrário de muitos ou talvez a grande maioria dos seus colegas propriamente (não digo daqui, nem dali, mas do mundo inteiro, pois a comunidade científica é hoje necessariamente, embora reduzidíssima em termos numéricos, uma classe multi e transnacional), dignou-se ele descer desse novo parnaso da Ciência - que é um círculo, além de restrito, hermeticamente fechado no seu saber e na sua linguagem própria - e vir discutir, com disponibilidade e informalidade, neste arraial menos coerente, menos rigoroso e tão menos, seguro, mas, inegavelmente mais amplo, mais aberto e mais polêmico, que é o arraial crítico da filosofia e das ciências humanas. E no qual ainda há, certamente, um lugar nem que seja incômodo para as coitadas humanidades, mesmo para essas primas pobres do conhecimento (ou das altas sapiências universais, universitárias) que são as letras e as artes: elas, pobres coitadas, que há dois mil anos foram expulsas da República do Saber, do suposto mais puro e verdadeiro Saber, consideradas que foram, e ainda são, perturbadoras, impertinentes e mesmo irracionais. Mas que, por isso mesmo, teimam em voltar, por portas travessas, como "penetras" sem convite e sem traje a rigor, ao grande salão nobre da Razão, onde hoje pompeiam, ciosos e severos, com grande aprumo e até elegân-

cia, os soberanos discursos formalizados. Apesar de tanta segurança e soberania, porém, as hoje tão desalinhadas primas pobres dessa corte racional, que se despojaram até de suas próprias vestes habituais de estilo, continuam a forçar a barra (e a guarda) de todo esse sistema canônico, paradigmático. Tanto que ultimamente, nesses dois milênios de exclusão e de renovadas investidas, uma delas, talvez a mais inconformada diante dos absolutismos reinantes na ordem do pensamento e do discurso, seu espaço primordial e usurpado de expressão, acabou de dizer e desdizer, como todos lembramos: "A verdade, se ela existe, / ver-se-á que só consiste/ na procura da verdade".

Estas considerações, com sua ponta de ironia e sua intenção de humor (para quebrar o sério do assunto, sem todavia perder a serenidade da discussão, antes já como uma tática de desarmamento das posições severas), talvez não teriam aqui cabimento se o texto em questão não contivesse ele mesmo um certo teor de opinião ("doxa"), que vai além da suposta impassibilidade do discurso científico ("episteme"). Ora, esse teor de opinião, que é já de cunho ideológico (mesmo, talvez, sem o querer conscientemente), provoca e até requer, de imediato, uma discussão nesse campo e nestes termos, com todos os modos e meios de falar que a polêmica (no bom sentido, novamente) solicita, e que podem tornar o debate não só proveitoso mas interessante e até, espera-se, divertido. Meios e modos que são (por que não?) inclusive os do humor, o do bom e lúcido humor, capaz de iluminar questões as mais confusas e dissolver problemas os mais cabeludos, tal como o têm praticado grandes espíritos criadores e reflexivos, em diferentes campos

da produção intelectual.

Aliás, bem sabemos, o humor não é de todo incompatível com o sério da Ciência, mesmo nas questões consideradas mais graves. O maior cientista da nossa época, e que se tornou um verdadeiro sábio, costumava desatar coisas muito complicadas com boas tiradas humorísticas. Com efeito, num artigo sobre Einstein e (justamente) a crise da Razão, diz Merleau-Ponty: "*O humor não era para Einstein uma pirueta, ele o fazia um componente indispensável de sua concepção do mundo, quase um meio de conhecimento*". E mais: "*O humor era para ele o modo das certezas arriscadas*". Talvez Merleau-Ponty só não tenha razão quanto à pirueta, que, ao contrário, é a maneira por excelência da reflexão humorística. É sempre por meio de uma pirueta da linguagem (seja verbal ou gestual) que o humor pratica o livre jogo da imaginação e do intelecto, resolvendo num relance os quebra-cabeças da razão.

O conhecido e nada austero "*poster*" em que o velhinho Einstein aparece com meio palmo de língua pra fora é bem a imagem não só do seu espírito simples, mas de sua desconcertante espi-rituosidade. Gesto de humor, que indica um outro modo de saber. É como se o grande cientista desse a língua para o Universo e para a Razão, des-contraindo assim, talvez mais a fundo do que se pensa, toda uma tradição de pesada austeridade na postura e compostura da ciência e do cientis-ta.

Também o Bassalo - dedicado estudioso e admirador de Einstein, sua obra e sua vida, e inclusive entusiasta desse "*poster*" deslambido, que ele mantém em sua sala de estudo, diria eu, como um despique ou desagravo ao purismo da ciên-cia e à gravidade da atitude científica - nos

deu já um pessoal exemplo de bom humor no trato de questões da Física, sobretudo na sua maneira informal de falar sobre coisas tão esotéricas, misturando uma terminologia estranha com gesticulações comuns, e fórmulas abstrusas com expressões brincalhonas. Por isso mesmo, é de estranhar que o colega, neste segundo texto, coloque-se numa posição menos maleável, assumindo a pureza, a neutralidade e a segurança-de-si da ciência, e resvalando assim para um terreno nitidamente ideológico e quase caindo no cientificismo, que é, em nossa época, uma das ideologias especiais mais reforçadoras da ideologia geral das classes dominantes, sobretudo da classe dirigente, tanto no mundo capitalista como no mundo socialista. E é nisso que incidem minhas observa-ções.

II

Assim, neste ciclo de seminários promovidos pelo Departamento de Filosofia - e que vem ganhando, senão ainda um caráter, pelo menos um ânimo interdisciplinar, concorrido e proveitoso - me caberia desta vez a mim apresentar em resumo, a debate, minha dissertação de mestrado em Poética, sobre o tema, que é já de si um confronto, POESIA e ECOLOGIA. Entretanto, dado o interesse que despertaram as duas comunicações anteriormente apresentadas pelo colega Bassalo (a segunda em decorrência de discussões da primeira, e ambas, digamos, no âmbito de uma epistemologia da Física e outras implicações que não as do puro conhecimento científico e sua cadeia cognitiva), mas cujo debate, por falta de tempo, não chegou a se completar, nem mesmo a desenvolver-se ou aprofundar-se, deixando em muitos uma

certa sanha de discussão em torno de pontos por excelência discutíveis, - preferi (sendo eu um dos mais assanhados no assunto; e com muito gosto e alguma ironia me digo um simples assanhado, justamente porque não sou, como se diz e não raro se exige, um especialista na matéria), preferi, pois, ceder minha vez de vender o meu próprio peixe, para que, numa terceira sessão, conforme se havia sugerido ao final da segunda, e sem que se deixasse esfriar a discussão (não pela discussão em si - o que aliás já seria um bom motivo saudavelmente democrático e eminentemente universitário - mas sobretudo pela importância e até urgência que hoje assume o tema, ou melhor, o problema da ciência), pudéssemos retomar, ampliar e concluir (se possível) o debate em torno das duas aludidas comunicações do Bassalo: já agora num seminário a ser conduzido (mas não dirigido - entenda-se bem - nem monopolizado) pelos principais intervenientes nos dois primeiros (o que de modo nenhum exclui, nem deve retrair, e sim atrair, ou mesmo atizar, no bom sentido da chama de idéias ou da flama polêmica, os demais participantes), e a ser concentrado na questão da neutralidade científica e suas diferentes implicações (ou complicações). Neutralidade (!?) quer no estrito âmbito interno da pesquisa, quer na vasta órbita externa da Ciência, pela qual está ela inevitavelmente, inescapavelmente, ligada ao contexto histórico, econômico, social, político, em suma, a todo o contexto cultural, de que o conhecimento científico - a proporção que se distinguiu e cada vez mais se distanciou, e mesmo se separou, de outras produções culturais do homem igualmente ou ainda mais universais - é no entanto apenas uma das manifestações.

Isolacionismo e distanciamento da Ciência, visando olhar melhor, com olhos supostamente mais puros e mais finos, o seu objeto, e buscando um objetivismo cada vez maior. Mas será realmente um olhar melhor? - se sabemos que a Ciência, tão nova e já tão gasta, e apesar de todos os seus super-telescópios e hiper-microscópios, cada vez enxerga menos e está, num certo sentido, cada dia mais cega, não vê quase nada, apenas calcula, calcula que vê, isto é, imagina que viu, e persegue loucamente (perdão, mentalmente) essa visão, com novos cálculos, até onde o cálculo pode já ou possa ainda ir? Não, na verdade não é um olhar melhor esse olhar tão aparelhado, tão armado: seu mínimo ou máximo objeto escapa-lhe de todos os ângulos, de todos os focos, e apenas resta, na mente sem e-vidência, um fio de cálculo, uma fiança in-finita do provável, uma simples franja de tudo, ou de nada, um arabesco, além disso, matemático do Uni-verso: "... não mais / que um arabesco, apenas um arabesco / abraça as coisas, sem reduzi-las", já dissera o nosso poeta, com sua não imensa, mas intensa sabedoria da "Fragilidade". Nas mãos abstratas da Ciência, cada vez tão menos cheias de tantas partículas intangíveis, que elas jamais conseguem pegar; mãos, assim, despossuídas e "despiciendas", tristes "mãos pensas" como as do mesmo cético e tímido poeta diante da "Máquina do Mundo" a ele um dia entreaberta e oferecida, mas que afinal se fecha, mesmo quando agora a força de cálculo rompida e interpelada; nas mãos tão menos "lassas" da Ciência, antes cada vez mais incansavelmente, talvez até impertinente, manipuladoras do Intocável; mãos por quase vício mexilhonas, com seus mil dedos de aranha, calculistas, enredando-se na sua própria teia, e

que já quase fartas de tanto manipularem a coisa extensa e seu espaço, vão agora de mansinho tentando manejar o próprio Tempo, o Ir-reversível, querendo manobrã-lo e convertê-lo às suas medidas; nessas meticulosas mãos, contudo, o que apenas resta, finalmente é mais um arranjo digital, apenas o manuseio imponderável da matéria. Afinal das contas, o que era rigorosa busca do objeto acaba sendo ou voltando a ser, embora extremamente transformada, tão-só a compreensão do sujeito, inteiramente introvertido na razão matemática e sua abstraída, calculante cognição.

Eis talvez porque a Ciência, sobretudo a Ciência contemporânea e em especial a Física, se tornou um assunto para iniciados, quase uma seita esotérica, um saber incomunicável e inacessível fora da reduzida comunidade científica, ou ainda mais, do restrito grupo de especialistas. Quem não tiver inteira e perfeita iniciação nessa linguagem absolutamente cifrada, dez mil vezes mais incompreensível do que a mais hermética poesia, não terá jamais acesso a esse conhecimento. Com efeito, o mais cabeludo poema hermético é pinto diante de uma simples fórmula de tal Ciência. Curiosamente, o positivismo lógico do início do século, e de hoje ainda, que chegou a considerar sem-sentido todas as proposições que não fossem as do discurso científico, únicas consideradas verdadeiras, isto é, portadoras de significado, estava na realidade, muito enganado: agora se vê, ao contrário, que são as proposições, as equações da Ciência que não têm nem fazem sentido para a quase totalidade dos homens. A não ser para os próprios cientistas, e assim mesmo para o punhado de especialistas em certas áreas, a linguagem científica não tem mais sentido nem para os que a utilizam como poder, um

poder, como veremos adiante, que cada vez mais se disfarça em saber, um saber que quase ninguém sabe (e nem pode) e que, assim, facilita cada vez mais o seu exercício como poder. Estranhamente, a linguagem científica, que se gerou e longamente se amamentou no seio vigoroso da linguagem comum, das línguas naturais, é hoje a única que não tem nem pode ter dicionário, pois não é mais traduzível na expressão de nenhuma língua: mãe desamada, filha desnaturada. Não já por uma astúcia lógica, mas por uma contradição prática da Razão, a capacidade cada vez mais alta da inteligência, do entendimento humano, tornou-se fator do maior desentendimento e distanciamento entre os homens: de um lado, os pouquíssimos que sabem, os que detêm esse saber hermético e estupeiando; e de outro, todos os que nada ou quase nada sabem, apenas admiram estupefatos. Assim, a humanidade quase toda está hoje diante da Ciência como um burro diante de um palácio. Um palácio habitado por tão poucos, os quais já se começa a notar e denunciar - inclusive ou sobretudo por parte de cientistas mais consciêntes da situação nos grandes centros de pesquisa - que gozam de enorme prestígio e grandes privilégios, não raro de boas mordomias (pelo menos os que atingem a alta hierarquia científica, os já denominados de "os novos mandarins" da Ciência e da Técnica, segundo a expressão aproveitada do livro de Noam Chomsky, de 1969).

Separada quase completamente da vida cotidiana e do homem comum, com que ela não guarda mais nem as relações elementares de linguagem, a Ciência tornou-se tipicamente o domínio e o reino de uma elite - e elite não apenas intelectual, como sabemos -, reino ao qual não tem acesso, nem contacto, nem comunicação o gran

de público, mesmo as pessoas consideradas cultas ou instruídas, mas leigas na linguagem científica, e muito menos o povo. Digo isto sem esquecer nem escamotear que outras produções culturais têm sido igualmente elitistas, embora algumas dessas, como a Religião e a Arte, dêem hoje testemunhos inegáveis de entrosamento e participação na cultura e na causa populares. Quanto à Ciência, que a mentalidade geral, inclusive a do homem comum, quer manter isenta de toda pecha e de qualquer culpa, como algo sublime e sagrado, o que dela sempre se acha e até se prega é que, por sua universalidade e infinita boa vontade, a santa Ciência, está sempre trabalhando isolada e em silêncio, sem interesses nem compromissos, mas é pelo bem de toda a humanidade. "Menas verdade!" - diria o povo, se tivesse consciência desse mito. "Santa de pau oco..." - ironizaríamos, se deixássemos de adorar mais essa deusa.

III

Então é preciso dizer e repetir - não para denegrir, absolutamente; mas simplesmente para constatar e nos tornarmos conscientes disso - que a Ciência é também, e por excelência, e hoje talvez mais do que nunca e mais do que outras, uma atividade elitista. Pois nenhuma atividade ou instituição social, seja ela a mais lúcida e racional, está isenta das contradições reais da sociedade em que se instala. Não há "torre de marfim" que de fato se construa fora dos desconcertos do mundo e acima dos atritos da história. Mesmo a dos poetas mais nefelibatas; quanto mais a dos cientistas menos anacoretas, já que se querem por princípio, não retirar-se, mas interessar-se na realidade objetiva do mundo.

"Torres de Marfim" existiram e existem ainda - como essa de uma Ciência pura e isenta de todo laço que não os de sua ínclita sintaxe - mas todas necessariamente construídas sobre o terreno contraditório desta vida e deste mundo. A menos que a Ciência, contrariando seu princípio de objetividade, queira ser de fato, como é de mito, uma coisa d'outro mundo! - que não este, histórico e concreto, o qual, com todas as suas disparidades e contradições, ela própria ajudou a construir, acelerando-lhe a desenfreada construção, e que hoje ela mesma se faz também capaz de destruir, bastando apertar alguns dos seus tremendos botões. O que não sabemos, e felizmente ainda não está ao alcance da previsão científica, é se algum dia a História não fará a Ciência engolir esses botões, e acabar de vez com suas ameaças.

Atualmente, com efeito, a Ciência - auxiliada e ativada pela Tecnologia, que é a técnica científica, portanto irmãs siamesas, e ambas netas longínquas longínquas, mas genuínas, do titânico Prometeu, vindas daquele fogo intelectual que ele roubou a Zeus e deu aos homens para porfiarem com a inteligência divina, prometendo-lhes, justamente, esse "pensamento previsivo" que hoje temos - essa Ciência ardente, que possuímos e em que nos consumimos, ao mesmo tempo iluminadora e destruidora (de qualquer modo, prometeicamente dominadora), depois de haver quase por completo dominado a Natureza, e de já ter começado a controlar ciberneticamente a sociedade e o indivíduo, ela tem e mantém hoje pretensões futurológicas de um dia torcer o rabo da Vida e domar finalmente a História (e ninguém pode negar que não haja neste momento projetos, pesquisas e aplicações nesse sentido, mesmo que

não declarados ou divulgados, nos dois blocos do mundo). Mas é bem possível - e oxalá até lá imprevisível - que um dia subitamente se reúnam as forças da Vida e da História e dêem um coice que não tem mais tamanho nessa vontade prometeica de saber e de poder, nesse desejo cúbido de onisciência e onipotência, que se apoderou da Ciência contemporânea. Esta suma ou super-ciência em que o intelecto, e suas maquinações, transformou aquele fogo divino inicial do espírito - que devia espalhar sua luz sobre o mundo, que tinha por fim a sãbia e progressiva iluminação do próprio espírito, como ainda o foi para os verdadeiros sábios antigos e modernos (pois hoje quase já só há "cientistas", e a mudança do nome é sintomática); transformando, assim, aquele fogo divinal do espírito em simples meio de satisfação dos desejos obsessivos de conhecimento e dominação de tudo, às vezes por simples satisfações pessoais (a ciência pela ciência, a arte pela arte, igualmente, prometeicas), tal qual acontecera outrora, segundo o mito, com o soberbo gigante seu avô. Nosso avô! - homens sapientes insensatos do século XX, que, por excesso de saber e de poder, devastamos a terra e subvertimos o equilibrado curso evolutivo da vida. Mas sobretudo nós, os intelectuais (cientistas, técnicos pesquisadores, professores, estrategistas e estadistas, inclusive); pois o homem comum, os comuns dos mortais, isto é, os simplesmente homens, os que não invejam nem almejam a imortalidade dos deuses, esses - coitados! - vão apenas arrastados na enorme empreitada da nossa Ciência, de que eles são as mãos e nós o cérebro, eles o corpo suado e nós o espírito sabido, sem nada "manjarem" desses nossos saberes, que apenas veneram à distância, magicamente, e tampouco

sem sequer provarem dos melhores sabores, dos deliciosos frutos da grande árvore da sabedoria (hoje ramos soltos do saber) que a nossa Ciência sem consciência, há muito lhes prometera e continua, apenas, prometendo.

Em nossa época, efetivamente, as grandes equipes de cientistas - com seus estupendos laboratórios e aceleradores, suas plataformas espaciais e, obviamente, sustentando tudo isso, suas poderosas bases intercontinentais e seus grandiosos parques industriais, multinacionais, e agora com mais esta não só estúpida mas supimpa promessa da supercondutividade! - tornaram-se, em todos os sentidos, verdadeiras elites de saber, direta ou indiretamente vinculadas aos maiores centros e grupos de poder. Esperemos, contudo, que essa anunciada e tão supimpa promessa da supercondutividade não venha servir, como outras tantas e não menos "maravilhosas" para ainda mais ríspida e rapidamente superconduzir os homens, por meio de alguns poucos mas super-condutores da humanidade. Quando os condutores dos povos eram muitos, o mundo, apesar de tudo, vivia bem. E quando forem só uns poucos, mas fortíssimos, super-condutores, viverá também? E não estou somente jogando com as palavras fazendo mero trocadilho, não. O que aliás, para mim, que creio na linguagem, na linguagem comum e seus enigmas ("claros enigmas", porém sem mática que os resolva), já seria, por ser jogo, uma boa maneira de arriscar na questão. Afinal - Wittgenstein que o diga - tudo, nas formas da vida, são jogos de linguagem, e da linguagem comum, precipuamente. Ou, como disse Fernando Pessoa: "Do eterno erro na eterna viagem, / o mais que (exprime) na alma que ousa, / é sempre nome, sempre linguagem, / o véu e capa de uma outra cou

sa". Ou seja: tudo é metáfora de tudo. E agora é Nietzsche quem nos lembra aqui: o próprio mundo é, para o homem, um arcabouço metafórico, uma tessitura de metáforas, sendo a música a metáfora mais originária, a própria metáfora do mundo, porém sem ainda nos dizer a origem de tudo, ou de nada. Pois no fim de tudo, no final das contas (como se diz), isto é, feitos todos os cálculos, esgotados (por hipótese) todos os símbolos, tentadas todas as palavras ditas e não-ditas, jogada a última cartada do discurso, sempre resta ainda, digamos, uma réstia de linguagem... envolvendo e re-velando tudo. E é aí (como se diz também) que a porca torce o rabo. É aí que tudo bate e volta, e o sentido se perde, sem origem que se tope ou se diga, e sem razão última ou suficiente que se encontre, que se possa enfim pronunciar como um significado primeiro e seguro. E tudo então recomeça, na mesma recorrência das palavras, em um novo trâmite de metáforas, pois tudo afinal revém... no eterno retorno da linguagem. Deixemos, porém, de lado os poetas pensadores, que são considerados muito suspeitos nesta questão, ou, pelo menos, obscuros demais no seu pensamento poético, e vamos a um respeitável lógico-matemático e filósofo da linguagem: Max Black (não confundir com Max Planck), no seu livro *Modelos e Metáforas*, mostra justamente que muitos conceitos científicos, das próprias ciências exatas da Natureza, são rigorosamente metafóricos; quanto aos modelos, segundo ele, funcionam como um tipo mais geral de metáfora, uma "metáfora sustentada e sistemática". No primeiro caso, um dos exemplos que ele apresenta é o do conceito de corrente, de corrente elétrica, precisamente. Quer dizer: o termo próprio primitivo (corrente) passou inicialmente a termo figurado

no discurso científico; mas depois, com o decorrer do uso, esquecida a transposição metafórica, passou novamente a termo próprio nesse campo, a conceito exato, como se nenhuma metáfora contivesse ou sequer o contaminasse (já que o discurso científico se preza, muito ao contrário, de ser inteiramente próprio, exato, objetivo, nada metafórico; pois sim...); e ao tornar-se novamente esse conceito próprio da Ciência, tomado como se fosse termo originariamente científico, passou a influenciar e mesmo a determinar todos os demais usos da palavra "corrente", os quais passaram então à condição de derivados ou meros correlatos da expressão que, em virtude da maior força propagadora e persuasiva que tem o discurso científico no mundo moderno (o poder do saber), tornou-se a detentora maior da significação de "corrente", ou seja, a expressão "corrente elétrica"; de tal maneira que, na fala comum, chegou-se mesmo a identificar completamente as duas coisas, eliminando-se quase a diferença entre o geral e o específico, substituindo-se indiferentemente um pelo outro, em suma, bastando dizer "corrente" para já se entender "corrente elétrica" (exemplo típico: "faltou corrente", dizemos); e a tal ponto que, com esse sentido que se tornou dominante, a palavra "corrente" toma também o lugar de "energia" (como se vê no exemplo acima); isto é: o que era apenas o modo torna-se o elemento, o continente torna-se conteúdo, a forma (corrente) transforma-se em substância (energia), ou ainda, transforma-se o conceito no objeto concebido. E daí para que o objeto (o invento da Ciência, por exemplo) tome o lugar do sujeito, e o domine e submeta, é só um pulo, ou um passo. Era o que queríamos dizer. Com efeito, quem diz "corrente" diz "condutor", e quem diz

"condutor", diz "condutividade". Ora, então o que dizíamos atrás, a propósito da tal supramencionada supercondutividade (a que monstruosidades verbais nos conduzem essas coisas!; e o pior é que verbais, e reais), sem deixar de ser um jogo, é sobretudo um fato. Pois, de fato, tudo o que Prometeu inventa, ele acaba transformando-se na invenção. Transforma-se o inventor no seu invento, por virtude do muito industrial: a máquina não é a extensão do homem?; o homem não é o instrumento da máquina?; o objeto não se faz sujeito?; o sujeito não virou objeto?; o saber não se tornou poder?; o poder não se investe no saber?; o meio não é a mensagem? Pois é. Nada disso devia ser, mas de fato é: o que era fim (o conhecimento) tornou-se meio; o que era meio (o instrumento) se tornou fim. E é justamente por isso que se induz (ou deduz?; já nem sei mais, nesse troca-troca dos termos e de tudo, por um truque intrínseco das metáforas, do modelos) aquela transformação de conduta da supercondutividade, que nos promete, por meios extremados, reconduzir o mundo aos seus destinos mais prometeicos. Ou seja: o que primeiramente (aliás já derivadamente) era simples corrente de ar, de mar, ou de pensamento, transformou-se em conceito de corrente elétrica, ou no próprio modelo teórico (ou imaginário) da eletricidade. E daí para a idéia (ou o nome, ad-ventício) de condutor elétrico (vindo já de condutor de povos e de homens, ou de qualquer coisa condutível que se produza, se invente) foi só um passo, ou só mais um transpasse metafórico. Porém depois o condutor (elétrico, ou qualquer outro), de simples veículo (passante, passivo) passou a conduta contrária: a de conducente ativo, dirigente, que não só leva (enquanto meio) aquilo que conduz

como veículo, mas também dirige tudo diretamente para os fins que traça e determina. Transforma-se, pois, o condutor na coisa conduzida, metonimicamente; e sem que se perceba nem a trama nem o trâmite da transformação (como é que, sem querer, mais se costuma dizer: "faltou energia" ou "faltou corrente"?). Pois é. E assim progressivamente, pelas imperceptíveis redes metafóricas do progresso e suas metas i-mediatas, chega-se, ou vai-se, aos atuais prometimentos da supercondutividade. Num mundo (suponhamos) todo superconduzido - de fio a pavio - como esse que a estupenda Ciência de hoje (o Super-Logos) e sua nova "revolução" tecno-lógica nos estão a prometer, o que ou quais serão os poucos mais potêntísimos super-condutores de tudo? De tudo, isto é, sobretudo dos homens, da própria humanidade, toda conectada e controlada, ao fim e ao cabo.

IV

Essa confusão de meios e de fins, inclusive a idéia de que os fins justificam os meios, ou a prática de que os novos meios (isto é, as novas técnicas, as chamadas tecnologias de ponta) é que são os últimos fins, gerou uma embrulhada danada no mundo. A tal ponto que nada e ninguém mais se entende. E de tal modo que a célebre frase de Marx, aliás bem prometeica, como de resto todo o projeto marxista (e aí está a tecnocracia também soviética para nos mostrar), frase segundo a qual o homem transforma o mundo, transformando-se a si mesmo, já não dá conta da situação atual e tem de ser profundamente reformulada. Pois esse transformar-se a si mesmo, no sentido da desalienação do homem, de nenhum modo aconteceu, e certamente jamais acontecerá num mundo de

caráter prometeico. Nem mesmo no mundo socialista, de hoje ou de amanhã. Hoje são justamente os maiores transformadores do mundo, no sentido marxo-prometeico aludido, ou sejam, os cientistas e os técnicos (das ciências humanas, inclusive, e numa parcela cada vez maior), que se tornaram, sem perceberem (e tanto mais por isso mesmo), os mais alienados dos homens. Alienação profunda e radical, já chegando às raias da reificação do indivíduo, e num triplo sentido.

1. No sentido de um profundo estranhamento em relação a si mesmos, aos outros e ao mundo efetivo. Estranhamento causado, sobretudo, pelo crescente distanciamento da linguagem científica em relação à linguagem comum, que é o suporte e o circuito da auto-consciência, da intersubjetividade e de uma mais concreta e comunicável percepção do mundo.

2. No da separação cada vez mais drástica em relação à sua pesquisa e ao produto desta; isto é, entre o homem e sua obra, que lhe escapa completamente das mãos, para as quais já vem, aliás, dirigida e determinada por estranhos e mesmo secretos interesses externos, inclusive extranacionais, sem que o cientista saiba (e que se sempre nem se interrogue) de onde nem para quê. E assim servidores - os "trabalhadores científicos", mesmo sem quererem e não raro nem desconfiarem - de instituições (já para não falar de indústrias) cujas funções e fins lhes são novamente estranhos (isto é, alienantes), e das quais eles se tornaram, na sua grande maioria, meros e quase anônimos assalariados, para não dizer uma nova e estranhíssima classe de "operários explorados", com patrão e tudo. Muitas vezes o patrão é o próprio patrocinador - perdão - orientador das teses ou dos "papers", e que, por seu turno, também às vezes nem sabe que é patrão.

Este não é ainda o caso, talvez, no Brasil; não sei... Mas nos chamados grandes centros mundiais de pesquisa, sem dúvida que é. E como a Ciência é multinacional..., que se tirem as conclusões.

Porém há mais, e o que é pior: são uma espécie de "operários explorados", que aceitam pacificamente a "exploração" (pacificamente, aqui, não quer dizer que eu esteja incitando os cientistas para a greve; mesmo porque... seria mais uma rima, mas não seria, ainda a solução; e além do mais, a ciência - como São Paulo - não pode parar; de modo que pacificamente, aí, quer dizer apenas, digamos: despreocupadamente, despercebidamente, como quem ganha sua vida e um dia sua palma, de modo honesto e tranquilo, dedicando-se, ou mais, devotando-se ao saber e ao produzir, sem cessar, assumidos como deveres e valores sagrados, desinteressados e inquestionáveis, seja em que situação for: aqui, ou na china, não importa (china, evidentemente, com letra minúscula: i.e., substantivo comum), Em suma, um novo sacerdócio em qualquer templo do Saber - não interessa -, contanto que se ministrem e administrem rigorosamente os santos ofícios da Razão, para a sempre maior glória da Ciência, e que assim seja. Ou seja: é o próprio cúmulo da alienação, no sentido de entregar completamente a alma a algum deus todo-poderoso (por intercessão da santa Ciência) e o corpo ao diabo que o carregue. Mas nem tanto: aquela aceitação é pacífica, porque, no caso dos "trabalhadores científicos", ainda não se trata propriamente de exploração, de uma exploração dolorosa (dolorosa sobretudo para esse mesmo corpo, que eles tanto pesquisam enquanto matéria orgânica e inorgânica, enquanto máquina biológica, enquanto estrutura físico-química e comportamento molecu-

lar, e no entanto desprezam, ou dele se desinteressam, enquanto matéria histórica e social, isto é, enquanto seres realmente vivos e necessariamente envolvidos nos conflitos da cidade e do mundo). Pelo contrário: é que essa meia exploração, ao invés de dolorosa, é em alguns casos até que bem rendosa. Quanto ao quase anonimato a que hoje se reduzem os "trabalhadores científicos", não se pense que é uma virtude. Pois não foi escolhido de bom grado nem de moto próprio: é mais um ardil alienante em que se deixam cair, mais uma incrível "astúcia da Razão" para melhor perseguir seus desígnios. Anônima, e ainda por cima neutra, a Ciência deverá tornar-se (se é que já não se tornou) uma presa ainda mais fácil e dócil para os computadores industriais, financeiros, militares, burocráticos e universitários da Razão, privados ou estatais, pouco importa. Pois tudo será (e já começou a ser) um só e inexpugnável sistema planetário de computação e ao mesmo tempo de domesticação. Ou seja: a formidável jaula, ou o enorme curral eletrônico, onde enjaular-se e amansar-se a fera, outrora chamada homem, e que deverá tornar-se esse monstro manso, sem coração, cabeça e estômago, contudo "normalíssimo", que Henri Lefebvre já batizou com o evidentemente monstruoso cognome de CIBERNANTROPO. É nessa nova categoria de antropóides, porém muito mais "felizes" que ferozes, entrarão certamente, e talvez antes ou mais do que todos, os próprios cientistas. Os quais, por sinal, sinal dos tempos, já começaram, pelo menos os não-neutros, a ser recolhidos aos mais avançados "hospitais psiquiátricos", para o devido "tratamento" de sua anormalidade, isto é, da sua não-neutralidade. Estranho paradoxo, outra astúcia da Razão! Porém esta astúcia a contrapelo, uma grande ironia ra-

cional que se ri da própria Razão, e que sem dúvida é mais propriamente um ardil da História - a qual, com o seu ir-racionalismo, sabe espreitar as super-pretensões da Razão. E é nisso que está a nossa esperança, e é por isso que esta crítica da Ciência (ou de sua inconsciência, às vezes má consciência) não é apocalíptica e nem mesmo antipática, mas sim confiante e cordial: apenas uma reflexão que ri, pela risada das palavras, com a ironia dos conceitos, e convida todos a rirem. Mesmo porque o homem não só é o único animal que fala, que tem rica linguagem, duplamente articulada e infinitamente significativa, mas também é o único animal que ri, e que ri mesmo de si mesmo (não sei onde li). Porém o CIBERNANTROPO, esse sim, deverá ser normalmente um homem calado e que não dará sequer um sorriso, todo incutido, digamos, de uma sensatez sistemática.

V

Pois bem. Mas que diabo de astúcia ou grande ironia é aquela, tão insuspeitada, a que aludimos? É a seguinte: essa história de "hospitais psiquiátricos" para o devido "tratamento" dos cientistas não-normais e não-neutros revela, e demonstra com fatos aliás bem inóspitos, que justamente onde a Ciência é mais científicamente ideológica (de tal modo que aí a própria ideologia é definida e estabelecida como ciência), é justamente aí que uma absoluta neutralidade científica é rigidamente imposta e exigida. E de tal maneira que deve haver, por definição (senão por dogma! doutrinário), uma perfeita identidade, tanto nos meios quanto nos fins, entre ciência e ideologia, entre o saber e o poder,

entre a Ciência e o Estado. E tudo, assim perfeitamente justo e certinho, botado na mesma sacola da Razão. São que esse tão certo ajuste é no fundo um saco de gatos. E os gatos, felizmente, lá de dentro mesmo já estão colocando as unhas de fora... Ora pois então: é claro, assim, que a religião de um tal regime só pode mesmo ser a Ciência; e por seu turno a Ciência, aí, tem mesmo que ser, paradoxalmente, uma ciência religiosa, sagrada, e até fanática: quem não quiser, fora!; ou então, fogueira com ele! Mas já nem tanto assim, quanto às artes (espúrias, más artes! - dita o regime). Pois a Arte, ali, obviamente que não é definida ou alçada ao nível supremo e sagrado da Ideologia. Ou por outra: lá a Ideologia não quer ser de modo nenhum estética (sai daí com essa de esteticismo, hedonismo - coisas burguesas, pecados capitais; aqui o que se quer é coisa séria, é virtude, é trabalho pesquisa, produção, nada de belezas e prazeres, coisas inúteis); mas se arte há de haver (que fazer?!), e todavia não é ou não pode ser identificada com a Ideologia (com a Doutrina, com o Estado, com o Partido - esses nomes todos são mui sublimes e elevados, sendo pois de rigor, na praça de escrevê-los, sempre letra maiúscula), deve entretanto, e malgrado seu, ser uma arte piamente religiosa, digo, ideológica (sem o que, não é arte, é desvio, é doidice, é pura ficção; que, além de não realista, ainda tem o desplante de não ser ficção científica, ora vejam). Mas nem tanto, dizíamos. Pois a arte - essa atividade menor, ou minúscula, que não serve, não conta, não calcula, não progride - também não tem maiores efeitos nem proveitos para os grandiosos, inabaláveis e irreversíveis destinos da Santa Aliança (desculpem: do Sacro Império, que é um

título mais a propósito e mais à altura daqueles altos destinos; a não ser que bem se entenda naquela, ali, leiga aliança para o Progresso, a mais suma e santa aliança do Estado e da Ciência). Então os artistas, como são de fato inúteis para tais feitos e efeitos (pois, realmente, não fazem nada de "maior proveito / que o da caça ao vento", na sua boba labuta, na sua "luta mais vã"), os artistas não-normais, como costumam ser, eventualmente podem mesmo ir dando o fora, se quiserem; e já vão tarde. Mas que se vão e que se lixem, pois que lixo são, imprestáveis, inseríveis. A República mesma é que não os quer, nem precisa, muito ao contrário, esses improditivos; que, além disso, são teimosos perturbadores. Agora: saírem para receberem lá fora prêmios comprometedores, e depois voltarem endinheirados e entrevistados, isso é que não! Entrarem de novo aqui contaminados do vil capital e de alguma outra vã filosofia, essa não! Já bastam aqui as suas artes inúteis e duvidosas, as diz-que "obras", desses "improditivos tolerados", que não operam nem produzem é coisa nenhuma que sirva ou que preste. Por conseguinte, se quiserem, podem sair de uma vez. Mas ficarem nesse ir e vir livremente, esses moleques travessos, e às vezes atrevidos, como se aqui fosse a casa da vovó ou algum parque de diversões, e ainda por cima fazendo asneiras e dizendo besteiras, isso é que não! Não, não, e não; e ponto final (aliás parágrafo).

Porém os cientistas, que hoje são parcela valiosíssima, isto é, parcela contante e calculante do capital do Estado; que são força produtiva da melhor qualidade, como nem de perto foram os escravos de outras épocas; e que são, sobretudo, detentores de segredos de Estado e

fatores utilíssimos não são da segurança nacional como da competição internacional e da corrida espacial; os nossos caríssimos cientistas!, esses não, não podem de jeito nenhum sair. Têm é que ficar, queiram ou não: são nossos trunfos e triunfos, são nossos lucros, são nossas armas! Espera lá, vamos com calma, vamos dar um jeito neles, já-já. Vamos primeiro trancá-los - perdão - tratá-los psiquiatricamente para ver se os neutralizamos ideologicamente, por meio dos próprios e eficacíssimos processos científicos que eles mesmos criaram, ou descobriram, mas se esqueceram: uns choquezinhos, umas pilulazinhas, talvez umas leves incisões a raios "laser" lá no hipotálamo, e aqui na frente uns eletródios cujos filamentos se enterrem no coração, e se possível na alma, para neutralizar também os bons ou maus sentimentos e as recargas espirituais; e, na boca, que anda falando muito (o que, aliás, é um dos seus "distúrbios de comportamento" mais anormais e muito incômodo, proveniente de uma anomalia ou "disfunção cerebral mínima" - mínima por enquanto, então cortemos logo o mal pela raiz, isto é, a má língua pelo próprio tronco linguístico, aliás lingual, dá no mesmo; esse diabo de palavras, essas metáforas... embrulham a gente; é o velho demônio da analogia..., ou um pandemônio é que é; mas deixemos de conversa e de conjeturações, e vamos ao serviço, isto sim; mas o diabo, novamente, é que o próprio são se faz com palavras, então voltemos a elas, que jeito?! - disfunção aquela, continuando, que nossos devotos neurobiólogos, pessoas tão competentes e tão normais e neutras, já diagnosticaram como um conjunto de distúrbios causados por uma "hipoanfetaminose", perfeitamente remediável), na boca, por conseguinte, lhes ministremos uns miligramas

de ritalina associada com anfetamina-d; e talvez até, como substância excipiente (para o remédio não ficar muito amargo e eles não desconfiarem do tratamento), uma colher-de-chá de mel de abelha. Ah!... não tem?! Nossas "abelhas domésticas" também deixaram de ser neutras e produtivas? Então mandem buscar lá no Brasil. Mas antes matem logo essas abelhas imbecis, que isso é um animal irracional e não tem recuperação. Depois a gente fabrica outras, sintéticas e mais melíferas. Mas olhem, mandem urgente buscar esse mel dos deuses que digo?, dos diabos (aliás nem precisava...; mas ainda não conseguimos neutralizar o paladar, então..., o jeito é usar esses expedientes, bolas!, esses excipientes, quero dizer). Depressa, corram, que o tratamento urge; vão logo de super-sônico. O que??! O último "Tupolev" explodiu? Meu Deus! Nossa...! Que é isso, camarda?! Que palavras! Olhe que todas estas paredes têm olhos fotoelétricos e ouvidos transistorizados. E tudo ligado por fios imperceptíveis mas supercondutores de informações. Captam até pensamento abstrato, quanto mais exclamações ofensivas!... Sim, sim, desculpem, depois eu faço uma auto-crítica e rezo de novo um credo, e me crismo de novo nos sagrados princípios da nossa doutrina, amém. Mas agora não posso, agora estou com pressa, eu cumprio ordens, eu cumprio ordens, o Comitê de Neutrocracia não espera. Andem, telefonem para a França, pode ser que ela nos empreste um "Concorde". Olhem, usem o cabo de supercondutividade, que é instantâneo e nem precisa falar, é só pensar, que ele transmite por telepatia. O que?! Também ainda não está estendido? Como?! Ainda não foi nem fabricado?! Bolas!, então deixem prá lá o mel. Vamos usar mesmo uma sacarina, ou qualquer sacarose. É, lembra Sakarov mas serve,

não chega a fazer mal. Sim, ia me esquecendo: por demos pedir ao Skinner também umas tecnicazinhas behavioristas de "estímulo de reforço e punição". Afinal, ele não é hoje nosso aliado? E por que não?, se apesar de nossas divergências manifestas na estrutura de superfície, temos exatamente os mesmos pressupostos e as mesmas pretensões na estrutura profunda de nossas ideologias científicas, ou de nossos científicismos ideológicos, o que é a mesma coisa, conforme já vimos. Vamos, por is, pedir a ele sobretudo o que ensina no seu "excellent" livro *Além da Liberdade e da Dignidade*, que é bem recente (1972) e atualizadíssimo, a última palavra de sua grande ciência e ideologia (deixa o Chomsky pra lá, não é especialista em behaviorismo e fica falando feito uma besta; e agora se virou pra essas tais de questões semânticas, coisas anacrônicas, e ambíguas, que não levam a nada, e só fazem atrapalhar o progresso das verdadeiras ciência e ideologia positivas). O Skinner sim, nosso comparsa. Tanto mais que naquele livro ele afirma com ênfase e segura previsão a possibilidade, não muito distante, de se planejar toda a cultura, dentro de uma sociedade estática e a-histórica. Que beleza!, que sabedoria! E ainda mais: ressalta a neutralidade ética de suas técnicas, que podem ser aplicadas em iguais condições no fascismo, na democracia liberal, ou no socialismo; do mesmo modo que poderiam ter sido aplicadas no nazismo e certamente poderão sê-lo (assinalemo-lo, com o selo da pronúncia e da maiúscula) no nosso verdadeiro Comunismo, quando chegarmos lá e pudermos assim - como tanto desejamos e prevemos em nossa teoria-ideologia, para o bem de todos e de todo o mundo - parar finalmente a História (essa grandíssima insatisfeita) e torná-la, en-

fim, neutra também. Por enquanto infelizmente ainda não, ainda temos de aguentar a morosidade e as tortuosidades do determinismo histórico. Mas, querendo as Parcas, e com o auxílio de técnicas objetivas e decisivas como as do Skinner, quando então pudermos definitivamente parar e neutralizar a História, ah, oxalá!, aí sim: será a absoluta felicidade, na absoluta neutralidade! E tão absolutamente neutra, que já nem soltará exclamação. Aliás, poderemos enfim também (para alívio de todos, mas para goáudio sobretudo dos nossos bons estudantes e dos nossos extraordinários comunicadores, principalmente estes, coitados, que hoje têm de exclamar por todos os poros, se esgoelando pelos cabelos), extinguir de uma vez para sempre não só da face da terra, mas do céu da boca, esse fiapo de língua, insopitável! (e aí está ele, como se não bastasse o sopapo da palavra), que é o ponto de exclamação, esse insucubo! sinal (de novo aqui, em pé e empinado, teimoso feito aquele brinquedo, mas bem mais lépido, que tanto mais se empina quanto mais se o abate; um sinal, porém, que não nos serve de nada, e constantemente quebra a neutralidade que precisamos imprimir e manter em nosso discurso; um mau sinal, portanto, que são mesmo os poetas suportam e aproveitam, em suas poéticas; já houve um até, muito ladino na escrita e seus grafismos, um aqui mesmo dos nossos arredores literários mais inovadores, que soube transformar esse diabinho insignificante de sinal numa inacreditável imagem poética não-verbal, num incrível ícone poético, inscrito como um traço ao mesmo tempo superficial e profundo, incisivamente significativo, no próprio âmago simbólico do texto; ou melhor, no ponto axial do corpo gráfico e erótico do poema, onde tece uma ambigüidade tal e

tensa, que resume e implica num só traço e num só ponto aqueles dois princípios ou demônios, masculino e feminino, o íncubo e o súcubo, que vimos há pouco sincoparem-se naquela repentina e tremenda palavra que esse capeta de sinal nos provocou - à nossa santa ira glotológica, em prol de um Logos mais neutro -, e que são, dramaticamente, a polaridade hermenêutica em que se empenha ao máximo o nosso aludido poeta, no seu erotismo contíguo do corpo e do texto, na sua encarnação erótica da linguagem, polaridade que faz com que ali a escrita se crispe todinha naquele traço, naquele ponto, pêlvico, do poema; vejam só o que é capaz de insculpir num texto o petulante, o saliente sinal, que ainda havemos de riscar da página e do mapa da nossa linguagem, quando pudermos torcer em definitivo o pescoço da retórica, e também o pescoço e a língua desses poetas erotistas; mas não é só isso o que faz ali o diabólico sinalete: na sua petulância e saliência incriveis de traço gráfico, ele chega a sobrepor-se e significar mais que as próprias palavras, embora cercado de sílabas por todos os lados, sílabas que ainda mais lhe acendem a significação; normalmente, o sinal ou ponto de exclamação é requerido pelas palavras e colocado depois delas; ali, no tal texto, ao contrário, o ponto é que solicita as palavras e as dispõe em torno dele, em função dele, como imagem gráfica preponderante naquela zona polissêmica do texto; ali, as palavras, até desfeitas em sílabas, são letras ancilares do ponto, e não o ponto é que segue a letra, obediente, como é mais lógico, simples e "mínimo ajudante de busca" como disse outro poeta, se não me falha a já confusa memória; ali, são as palavras que servem e seguem ao ponto, exclamativo, na verdade menos

um ponto que uma brecha entreaberta, inter-mediária, na lisa superfície do texto, um traço em profundidade no *corpus* da linguagem e da vida, envolvidas, um duplo corte na carne e na escrita, corte drástico e críptico, que desfere o gume do sentido no vértice mais íntimo do ser e do poema; por conseguinte, aquele fiapinho lingüístico insignificativo, tomando a vez e a voz das palavras, que estão ali em redor dele para ressaltar-lhe o tracejo simbólico, é que se afigura ambiguamente no texto a chave e a fenda do sentido, a própria imagem gráfica ou o próprio traço hieroglífico da diferença, da *diferença* insanável, impensável, indizível, que no entanto medeia, divide e secciona - sexiona!, eis o "x" da questão - todo signo e toda existência significativa; a qual é a maneira própria de ser e existir da humana criatura, experienciando crucialmente, com maior ou menor consciência disso, e quer no amor quer na morte, a volúpia inaudita desse sacri-fício, que em nós se encarna e nos difrata o corpo e a alma, por obra e graça da linguagem, da língua viva que clama e cala em nosso ser, até ao osso da essência; - mas ah pivetinho safo, esse ponto de exclamação!, que tantas coisas sugere e diz, até as mais irreveláveis; ainda mais da maneira que esse poeta erotista e filsofista - era só o que faltava, esse concluído malicioso de pensamento, paixão e poesia, na mesma e escandalosa, escalavrada palavra, a desse mesmo tal dito cujo que de ocas palavras gerou e compôs, imaginem!, até um "ovo filosófico", de onde bem sabemos que não sai pinto nem de papel, ora que! pataquada poetiqueira! - pois bem, dizíamos, ainda mais da maneira que esse maldito poeta risca no texto aquele diabete de ponto, aquele ícone sacana - desculpem o palavrão, mas

é o efeito icônico da coisa - impresso em **negrito**, riscado em preto sobre a pele clara, naquela zona palpavelmente côncava e convexa do poema, espécie de pelve da página, túrgida de significação, de significância textual, onde justamente, sem mais palavra que o diga, nesse clímax poético e erótico da escrita, todo sentido se dá e se perde; e é aí precisamente, e tão enigmáticamente como um rápido perfil de esfinge - mas "*claro enigma*", "*esfinge clara*", para quem queira ler no subscrito do texto -, é aí que aquele ícone inédito e incisivo, como um hieroglifo diferente, seccionado em traço e ponto, vem incidir na concha pélvica da palavra, ou desenhada pela palavra no vau da página, e substituir-lhe por um instante o símbolo e suas sílabas - já sem acesso a esses limites da linguagem, a esse vale do lírico, lídimo silêncio; é aí, portanto, nesse ponto verdadeiramente críptico do poema, nesse vão obscuro e re-velador do texto, que aquele sinalete dos infernos, tão minúsculo e clamoroso, não só afigura em sua volta o *doublevé* em que se inscreve a verdade da própria poesia, ou propriamente a poesia da verdade, mas traça em última instância, nesse hirto e negro traço, porém árduo de sentido, também a autocriptografia do poeta - não só circunscrevendo em torno a esse risco entre palavras a sua cova abscôndita, absurda e absoluta, porém gravando e reabrindo-lhe, nesse grifo, a fenda viva da diferença; ou, se o quisermos dizer com aquele outro poeta de-cifrador de enigmas, que de preferência risca (e cifra) na pedra a sua traça e a sua cripta, a sua própria cripto-grafia, e que o diz já de outro *escriptor* igualmente claro e sibilino de humanos misteres e mistérios, podemos dizer que ali, naquele ponto erótico e poético axial em

que se crispa a escrita, naquele traço oblíquo e ambíguo que corta o verso e o corpo, ali, exata e eximamente, é onde "*a dúvida apalpa o mármore da verdade /, a descobrir a fenda necessária*"; - mas que diabo!, acabemos com isso, não temos nada que estar dando azo e asas interpretativas, tão longamente estendidas e até aprofundadas na essência abissal da linguagem e da poesia, à louca e abstrusa imaginação desses tais poetas; pois é isso o que eles querem, para melhor nos embrulharem nas suas besteiras; e nos desviarem das nossas sérias preocupações, das nossas científicas pesquisas, das nossas metas imediatas e objetivas; o que temos mesmo, como eu dizia muito atrás, antes de abrir este parêntese interminável e inútil, mas que já vou já-já fechar antes que me acusem de traição, é que um dia extinguir não só da face da terra, mas do céu da boca esse fiapo de língua, esse demônio linguístico, que é o ponto de exclamação! - e não só extingui-lo mas extirpá-lo, extorqui-lo da língua até à traqueia). Em seu lugar, nossos puros gramáticos, puristas e normativos, como é de rigor - homens graves e vernáculos não só no idioma como em sua própria índole, sisudos de sua correição idiomática e característica (quero dizer, próprio do caráter, caracterológica, para ser mais rigoroso na terminologia), e que no futuro, quando toda a cultura estiver devidamente programada e codificada, serão de novo os nossos humanistas mais versados, mais vetustos e eruditos -, instituirão por decreto, com a sanção e o sainete da República (das Leis e das Letras) o ponto neutro, o ponto morto da expressão, tanto oral como escrita, representado por algum outro sinal gráfico menos insinuador (de fendas metafísicas) e por algum gesto não-verbal (nem se-

xual, credo em cruz!, afaste-se de nós esse cálice, e livrai-nos de todo mal: nada dessa problemática luciferina e dionisíaca de masculino e feminino; seremos todos santamente e angelicamente iguais, pois como os santos anjos, que não têm sexo - em vão os doutores medievais o discutiram e perquiriram -, o nosso gênero único e amado, tanto na gramática quanto na genética, há de ser, sem dúvida que apalpe nem diferença que divida, o epiceno gênero neutro; aliás, temos grandes esperanças de um dia neutralizar de todo o sexo, e sem precisar castrá-lo; nos contentamos em escondê-lo, e sufocá-lo; mas não basta esterilizar, é preciso a fundo neutralizar; bem sabemos hoje os complexos ontogenéticos, os desvios de eugenia, as diferenças! étnicas, as degenerescências antropológicas, as venéreas molestias e os imorais vícios, as convulsões sociais, as compulsões psíquicas - que Freud bem explica, e hoje já o compreendemos e aceitamos -, e sobre tudo esse enorme problema econômico, muito maior que o do petróleo, que é o da superpopulação, além, é claro, da grande perda de tempo para o trabalho, em suma, todos esses danos e danações que o sexo traz ou acarreta; mas perda de tempo, convenhamos, para o trabalho economicamente produtivo, e não o pro-criativo, porque neste o sexo é efetivamente ativo e do maior valor, sob a forma de um variadíssimo erotismo que se infiltra no corpo e no espírito, dos pés à cabeça, e estimula e alicia essas tais de atividades criativas, todas elas, imprimindo-lhes voluptuosamente e até vertiginosamente - isto é, com força e ânsia de vontade, da mais própria e insita vontade de potência - uma inebriante erotização do fazer, que integra e inebria e acende os sentidos, o sangue, o intelecto, a imaginação, a memo-

ria, o corpo inteiro e todo o ser, liberando o impulso vital, criador, e transformando assim o trabalho em ardor e prazer, em gozo vivo, em livre jogo das estruturas e processos mentais e dos dinamismos e humores corporais, num ritmo pleno e único do pensamento e da ação, tudo isso, enfim, que constituiu a experiência ao mesmo tempo múltipla e plenificadora, e por gratificante, que é a de experimentar na própria mente e nas próprias mãos, ainda que por um instante, a unidade do sensível e do inteligível; lembram-se daquela velha história do Pigmalião? - aquele que até já deu nome a novela... - que colocou tanto prazer e amor no seu trabalho, na sua escultura, que acabou se apaixonando pela estátua; que despautério!; também, pudera, ninguém fica assim neutro e imune a uma Galatéia!; o mínimo que se faz é exclamar diante dela; por isso é que temos que extinguir a exclamação e neutralizar o sexo; ainda mais agora que estão pondo e expondo em toda parte - em todas as bancas - sexo; os anjos, nossos futuros modelos, podem não ter, mas as estátuas têm; há muito que inventaram esse negócio de nus artísticos, e chegaram a entronizá-los até nas igrejas, que desabuso!; não fosse aquele Papa escrupuloso e preclaro, nosso predecessor moral, nem sei...; e o pior é que agora já estão querendo mesmo é o nu natural, que retrocesso!, que desavergonhamento!; mas felizmente, os nossos geneticistas já estão em campo e hão de dar um jeito nisso; assim como os nossos físicos descobriram o átomo, depois o decompuseram e explodiram, e agora estão com as mãos cada vez mais cheias de partículas, que já nem sabem que nomes lhes darem, nem onde as atirarem para ver se explodem, assim também os nossos geneticistas já isolaram um gene, agora estão estudando de perto

o bichinho, com as suas lentes possantes e com muito cuidado para ele não escapar das mãos e sair por aí gerando bichos aterradores mais que os dinossauros, e em breve saberão como cruzar os cromossomos sem precisar de sexo, nem de placenta para agasalhá-los, mas sim na perfeita neutralidade dos laboratórios e toda a imunidade das provetas; teremos então o nosso anjinho, o nosso belo bebê de proveta! e o que é melhor; sem choro nem cueiro, sem talco ou mamadeira, pois ele será todo limpinho e auto-alimentado; ah! esse nascituro bebê de proveta, que já sonho e pressinto no meu colo, tão louro e todo branquinho, sem a mínima pinta de preto ou amarelo, é certamente ainda mais vermelhinho, que belezinha! que fofura! não há de não ser...!?!; - mas que diabo!, já estou ficando meio lírico e comovido, pareço até uma mãe desminlingüida; cumpre recobrar a minha neutra austeridade e composta, e retomar aquele nosso assunto e aquela nossa ordem de idéias; nada de meiguices e ternuras, nem de hipocorísticos dizeres e carinhos; pois é: procriando ou não, aquele negócio de criatividade não nos interessa, nem nada de ardores e prazeres, o que queremos é trabalho mesmo, no duro, o que nos interessa é produtividade). Por conseguinte, em vez de tantas exclamações, fadadas à extinção, retornemos ao ponto neutro, ao ponto morto da expressão, oral e escrita, que há de ser instituído por nossos gramáticos: ele será de emprego obrigatório quer no início quer no fim de qualquer frase, pronunciada ou redigida, nas comunicações oficiais e familiares, e em qualquer veículo ou canal do nosso vasto sistema de comunicação. Pois a felicidade absoluta na absoluta neutralidade, a que antes aludíamos, é extasiante mas não é exclamativa. Eras! parece

que esse gosto do absoluto sabe a Hegel, nosso emérito precursor na neutralização da História, mas idealista, idealista, supinamente idealista na sua Ciência do Absoluto, que foi afinal uma grande infelicidade filosófica... e um fiasco político. Grande homem, porém, grande trabalho, grande desbravador dialético, grande sistema metafísico, ou superior a isso, metacientífico, supercondutor do conceito (pena que não fosse ainda um sistema digital, para ficar mais claro e seguro); mesmo assim grande, extraordinário vôo da Razão sobre o horizonte do Mundo e no crepúsculo da História, um enciclopédico e ciclópico cientista, muito mais, um absoluto cientólogo, que é duas vezes lógico, o próprio ser da Idéia e a própria luz do Logos, e a cujo pensamento de vemos em grande parte a nossa própria Ideologia, também científica, e ao qual devemos, portanto, admirar e venerar, embora de cabeça pra baixo, isto é, transpassado e invertido, na mesma cruz da Razão que ele nos legou. Porque não podemos deixar de pé, mesmo teoricamente, ou didaticamente em nossas universidades e bibliotecas já reconvertidas, nenhum idealismo onto-teológico: pois nossa doutrina sagrada não admite, nossa idéia de tudo é materialista e nosso ideal de um paraíso terrestre é nitidamente ateísta (paraíso real, aliás, onde não sô não haverá mais História, mas nem mulher nem serpente, pois tudo lá - lembremo-lo! - será do reino racional e do gênero neutro, ou epiceno, se preferirem; por conseguinte, um paraíso real e racional, ou seja, um paraíso verdadeiro e não mítico ou celeste, nem um sonho dourado, mas um paraíso, como quisera Hegel, realizado pela Razão neste mundo, um mundo, enfim, onde o real será o racional e o racional o real, isto sim! é o que com toda pro-

priedade poderemos chamar, e até exclamar, um verdadeiro paraíso!; mas para isso, para realizar esse paraíso racionalmente - expressão muito repetitiva, paronomástica e aliterativa, que hoje, por via de regra, e com perdão do desbocado cacôfato, substituímos simplesmente por *racionalizar*, já que racionalizar é realizar, e com enorme economia de meios para atingir e abreviar todos os fins, tanto os imediatos como os últimos e derradeiros fins - para isso, portanto, temos de modificar com a nossa Ciência e a nossa Tecnologia, ideologicamente concebidas e aplicadas em vista do gigantesco Progresso, todas as imperfeições da Natureza, todas as anomalias da Sociedade e todas as contradições da História, revolvendo e devastando, se preciso, toda a Terra e, possivelmente, devassando e dominando até o último canto do Universo; é também por isso, isto é, por aquilo acima - prestem bem a atenção -, que sempre dizemos e não me canso de repetir: até hoje os filósofos - desde Platão até Hegel - só se preocuparam em pensar, interpretar o mundo, agora é preciso transformá-lo; e é nessa que estamos, é esse, presentemente e porfiadamente, o nosso gigantesco, o nosso colossal empreendimento prometeico - enfatize-se bem a grande causa - em vista daquele paraíso prometido, que há de ser, com absoluta certeza, realizado, *resultado*). Hegel, como se vê, malgrado seu idealismo, e sem embargo de nossas reservas e censuras, na verdade nem nos faz tanto mal, nem na teoria nem na prática: pelo contrário, até certo ponto faz até bem termos em mente, e colocarmos em nossas metas finais, a sua grande visão da Totalidade (que também almejamos), o seu grande sistema totalitário (no bom sentido, é claro, pois nossa doutrina é da Liberdade, nossa

luta é libertadora). Mesmo porque, essas interrelações e convergências do pensamento progressista vêm de longe, estão muito arraigadas e por enquanto ainda não é possível erradicá-las. Talvez isso, seja mesmo aquilo que o próprio Hegel viu e definiu como a "*astúcia da Razão*"; pela qual ela, a reta Razão é capaz de escrever certo por linhas tortas, em todas as pautas e em todos os sentidos da sua desembalada teleologia - - que não olha para trás como os seus foguetes interplanetários. Que coisa! Como tudo se liga e se engendra!, tudo se implica e se complica, e uma coisa sai da outra, tudo é um só discurso, tudo é símbolo e analogia e os engenhos na verdade são um só, o mesmo e o próprio engenho, trabalhando por dentro do mundo. É isso aí: o dedo onto-teológico do Ocidente está em toda parte, se mete em tudo, sem que se perceba, ou sem que se possa mais decepá-lo. É um dedo milenarmente longilíneo, e hoje latitudinal (aliás, não esqueçamos que, apesar de desdenhá-lo, nossa doutrina, também, devém desse dedo ocidental). E o pior é que, sem que suspeitássemos, ele agora se intromete até nos dígitos dos nossos computadores, nos nossos mínimos dígitos verificadores, que julgávamos tão autônomos e tão neutros. E essa intromissão, ou retro-ação cibernética, de dedo em dígito, não é trocadilho não; é algo bem mais sutil, são astúcias ainda mais imperceptíveis, mas operativas como formigas sub-reptícias, pois são a própria astúcia da linguagem, ainda mais capciosa que a da Razão. Mas deixemo-la prá lá e fiquemos com Hegel, sem tantas desconfianças que ele não morde; nem nos ofende. Agora, duas vezes eras! temos que exclamar, quando voltamos a pensar e a dizer aquela nossa máxima da "*absoluta felicidade na absoluta*

neutralidade" - máxima que cunhamos com tão fiel pensamento e com tão acurada expressão, que se tornou, para nosso gáudio e orgulho, uma divisa lapidar da nossa doutrina, e que poderia até tornar-se um excelente "slogan" do nosso partido - é porque ela não só sabe a Hegel mas, infelizmente!, cheira muito pior; - e isso não, eras!! , isso não dá mesmo, esse cheiro é já insuportável, e até contaminador, é uma típica e repulsiva poluição filosófica para o nosso discurso: pois cheira - axiii! - ao porco burguês Schopenhauer. É, mas não nos incomodemos com isso: de pois os nossos cientistas-ideólogos conseguirão expurgar essa danada e nirvânica aderência filosófica; uma aderência três vezes daninha, que, além de idealista, é meio mística, meio poética; - três parasitas em nosso paraíso?!; jamais! - lá não haverá lugar para "improdutivos tolerados"; como aliás já não havia, para nosso exemplo, na cidade limpa e asseada de Platão. E então a nossa doutrina, ou melhor, a nossa teoria será, inteiramente, límpida e alta Ciência; e, na prática, nossa Ideologia se tornará, finalmente, não só a Razão realizada, mas, muito mais, a Utopia instaurada, estabelecida, computarizada, e superconduzida, nos quatro cantos do mundo e para toda a eternidade, assim seja! Mas que diabos!, agora está cheirando pior, está cheirando a escatologia. Vôte! te esconjuro! É melhor pararmos de pensar nisso. As técnicas do Skinner já chegaram? Ótimo. Ele cobrou alguma coisa? Não?! Disse que ficava pela nossa amizade...? Melhor! Que camaradagem!!! Assim não gastamos nem um pouquinho das nossas divisas, e ganhamos "know how" sem pagar "royalties". Depois a gente manda pra ele umas garrafas de vodka, em retribuição a essas técnicas. Que técnicas! Imaginem só se o Hi-

tlar tivesse tido estas maravilhas (como tantas outras, aliás, que conseguimos antes e depois dele). Nem precisava ter matado tantos judeus daquele modo: teria tido meios amenos de torná-los os mais arianos e os mais teutônicos alemães. E hoje nós talvez não estivéssemos aqui, rindo e ironizando dele; e preparando as nossas táticas terapêuticas, no entanto bem mais prometeicas, e prelibando, de beijos lambidos, os frutos vindouros da nossa, mais sábia e mais tranqüila, conquista tecnológica do mundo e de todo o Universo. Esses poucos insatisfeitos, essas minorias contestadoras, que não sentem a sensacional sapiência a um só tempo sintética e analítica destes saberes (ou destes sabores? - já nem sei bem, ou não me sabe direito a palavra: de novo esse demônio da analogia! e agora ainda mais imiscuída e indissociável, sob essa forma embrulhadíssima que chamam de paronomásia com mistura de sinestesia, e de que tanto gostam os poetas, com a sua louca mania de misturarem os chamados signos da linguagem - que no entanto são, como sabemos, simples sinais convencionais inventados pelos trogloditas para falarem, e nada mais; uma besta mania, portanto, essa de misturar meros signos com os elementos reais, sensoriais, corporais, materiais, da verdadeira e efetiva realidade, que é bem outra coisa mais concreta, e não palavras, palavras; palavras que atrapalham, que só fazem atrapalhar o nosso contacto direto com o real para melhor conhecê-lo e dominá-lo; e aliás nem precisava esse instrumento verbal, tão rudimentar e tão ineficaz, coisa mesmo de trogloditas, incapazes de melhor técnica; temos hoje tantos outros instrumentos mais preciosos e eficientes, inclusive a nossa algorítmica lógica simbólica, que soubemos extrair da ambígua e atrapalhada

língua, e que é absolutamente rigorosa, unívoca e infalível; pra que então tantas palavras trapalhonas? esse diabo de metaforismo quase incontrolável, e inextorquível da língua, que nos está metido na cabeça e nos vem ligado pela glote, na garganta!; é por isso que se diz que língua não tem osso - e lá vem de novo a danada da metáfora, a nossa cachaça irrechaçável, que quanto mais rejeitamos mais se reoferece infiltrada em coquetéis paronomásticos; é por isso, pois, que ela, a língua - tanto o órgão da boca como o sistema da fala, pois ambos são um só tronco glótico, e glossêmico - ela, dizíamos, a língua, é essa coisa curvilínea, flexível, sinuosa, que se torce toda e se volta sobre si mesma, em suas sílabas serpentinas, e que ainda não conseguiu retificar, regularizar, nem a força e poder de toda a nossa Ciência e Técnica; as quais, aliás, dela derivam e dependem, vejam só!; foi também por isso, talvez, que o Einstein botou aquele palmo de língua pra fora, deslambendo-se de si mesmo, enquanto cientista sério e severo, e das altas razões de Estado e da Ciência, que são razões siamesas; ou simplesmente deslambendo nas papilas da ironia, e na ponta da própria língua, todo o discurso da Razão; é, mas esse Einstein, que o Hitler de tolo deixou escapar, era muito cheio de humor, demais, para o nosso gosto austero da Verdade, o nosso senso, ríspido de tudo; e muito riso, sinal de pouco siso - expressão bem certa e bastante séria para nós, não obstante a rima e a paronomásia que a arbitram; é verdade que ele, o Einstein mesmo, podia até não querer dizer tudo aquilo, isto é, tudo isso que lemos, ou melhor, que vemos no seu gesto, naquele "poster"; e aliás de fato não disse, apenas disminlinguiu: disminlinguindo e mul-

tiplicando, assim, os amplos sentidos do não-dito, naquela muda e eloquente foto; e foi bastante: pois a língua em si, enquanto glossa, já é significativa, já é, como sempre, diabos!! , uma destravada metáfora; aliás, dizem que lá no Brasil, dar a língua é chamar nome, e nome feio, isto é - e pasmem! - um nome inominável; efetivamente que paradoxo!, meus camaradas: chamar, dando a língua, um nome inominável!; é mesmo o cúmulo do oxímoro!; só mesmo cortando, extorquindo, extirpando de uma vez essa língua miserável, incontrolável!; coisa mesmo de trogloditas, que engoliram essa pílula, essa balela; aliás não engoliram, não: se engasgaram para sempre, com ela; ao invés de degluti-la logo, com glote e tudo, aqueles palermas; por isso que até hoje estamos aqui falando, em tantas e diversas línguas, feito papagaios; quando era bem melhor sermos uns Papagenos, de boca fechada e bico calado; mas um dia, se Deus quiser (epa!, perdoem-me a má palavra), com base naqueles antigos bombons de açúcar - lembram? -, fabricaremos de urânio um calaboca de todo mundo; aliás, desculpem, nem me lembrava: já temos nosso tal bombom, atômico e superbom, a nossa bala estúpida, estupidamente boa, pois tapa tudo, até pensamento: a nossa bomba de nêutron, que, como diz o seu nome, não só cala a boca do mundo como neutraliza tudo; mas, se não quisermos chegar a tanto, explodindo essa bomba estupenda, bastará que coloquemos, de superação, uns bons cadeados nas bocas de tantas línguas; como?! língua não tem boca?; tem sim senhor: tem até boca da noite, quanto mais boca da língua, que é algo muito mais lógico, e não por metáfora, mas por metonímia; não é isso mesmo?; pois é; é que a língua é danada demais, não dá saída: ela mesma cria e pro-voca tudo; e mais

criara: não fosse para tanta coisa tão curta a língua - quero dizer: tão curta a vida; mas em tão faremos melhor: esticaremos a vida e deceparemos as línguas; pra que tanta língua, meu deus, meu deus "KOM UNIK ASSÃO"!; sô mesmo pra confundir e atrapalhar; sô mesmo coisa de trogloditas; engoliram aquela balela de que no princípio era o Verbo, e danaram-se a falar, e a multiplicar e complicar as línguas; no entanto hoje sabemos, sobretudo graças ao nosso grande predecessor, Hegel, embora a partir do aburguesado Goethe, que não era nada disso: que no princípio, isto sim, era a Ação; mas que bolas!: o verbo não é a palavra que exprime ação?!; pois é, pois é, é sempre essa tremenda confusão, tudo acaba se confundindo, chega!, temos que acabar com essa confusão de Babel, temos que acreditar e esperar... no Esperanto!; na nossa República - está dito! - não haverá nem trogloditas nem políglotas; e pronto!; pois ora vejam onde aquela, ou melhor, essa - pois estamos voltando pra lá - miserável e múltipla língua nos trouxe, ou melhor de novo, nos levou, pois a este ponto tudo dá no mesmo, nessa babélica confusão das línguas, que diz-que são uma só, que agora deram genericamente de chamar de linguagem; pois é: palavra-puxa-palavra, de metáfora em metáfora, a danada da língua nos veio dar com as testas (ai!, meu cerebelo) naqueles pincaros do oxímoro!; e é por tudo isso, também, que eu continuo aqui falando feito um parlapateta, em vez de prosseguir aquele nosso importante serviço; já meti a língua pelas mãos e não sei como deter essas palavras, fechar este parêntese, de novo, que não termina; e o pior é que, metalingüisticamente, como dizem agora, acabei falando quase sô da língua e suas palavras, falando de metáforas, que já são pala-

avras de palavras - que perdição!; mas um dia - tenho fé e esperança - acabaremos com elas; sei que elas, as palavras, "não nascem amarradas", como ousou dizer aquele poetinha inrustido lá das confundas do Brasil, lá daquela tal de Itabira do Mato (a) Dentro, e que veio ecoar nestas estepes, por virtude, ainda, das malditas palavras; ainda se fosse um lingüista, um glossemático, ou, melhor ainda, um semioticista, a gente respeitava, ou tolerava, e depois neutralizava; mas um mero poeta, e além do mais mineiro e itabirano! - sô pode mesmo ser é mentira, ou astúcia ferrenha; um dia amarraremos todas elas, as palavras, e, em grandes feixes já não distintivos, atiraremos todas aos peixes surdos-mudos do mar, como queira outro poeta, brasileiro é verdade, porém mais razoável para o nosso gosto; e então, fiau, babau, flauta de Anfion!; ficaremos apenas com os números, que não falam nem soam, são rigorosamente neutros e absolutamente unívocos nos seus caracteres e nos seus cálculos; há também, é certo, os números irracionais, mas já não se fala nem precisa deles, depois que os computadores deram um jeito em tudo; e assim, elas, as palavras, já não serão "servas de estranha majestade", mas simples letra morta e inservível, guardadas graficamente em algum livro-reliquia de alguma das nossas novas bibliotecas, inteiramente digitais; e poderemos, enfim, caladamente respirar a pura essência do nosso pensamento científico e ideológico - ufa!); e assim, aqueles poucos insatisfeitos, como lá atrás dizíamos, nós facilmente os neutralizaremos. Mas retornando, agora, àquelas nossas considerações mais objetivas, que as próprias palavras interromperam com a sua intolerável metalinguagem... A dominação total do mundo, que Hitler tanto sonhava,

talvez ele a tivesse realmente conseguido, se dispusesse destas técnicas que aqui estão. E nós, babau. Pois o que ele sonhava, nós com maior razão pretendemos. Mas já estamos quase desiludidos, pois tudo se complicou tanto... E ainda mais agora essa crise do petróleo, que está dando enorme celeuma no mundo. Ela não é assim tão grave e decisiva, como nós e nossos colegas ocidentais pintamos e propalamos diariamente por todos os nossos poderosos meios de comunicação, para desviar um pouco a atenção dos povos, de outros mais explosivos problemas. Afinal, aqueles que têm petróleo não têm bombas, e outras belicas belezas da nossa possante imaginação; e é só a gente se combinar, por algum novo tratado, que damos um jeito neles. Ou nem precisa isso: a supercondutividade já vem aí e vamos encher, que digo!?, superlotar esse mundão todo de carros elétricos, para calar o bico dos que ainda o têm. E sem precisar de gasolina, nem farta nem barata. É bem verdade que ainda não sabemos, sobretudo os nossos colegas democráticos, se isso interessa aos nossos interesses industriais, comerciais e estratégicos. Mas os nossos grandes economistas depois resolverão isso, com os seus hábeis teoremas macro e micro-econômicos. O que nos preocupa, entretanto, é que o tiro está saindo pela culatra (nossas agências de publicidade não pensaram nisso): de tanto se falar em crise do petróleo, tem muita gente por aí, inclusive alguns cientistas de alto bordo, tomando consciência, como eles dizem, do esgotamento dos recursos naturais, do arrasamento da Natureza, do desrespeito à vida, do desequilíbrio ecológico, da poluição, e coisas assim. E isso são idéias novas que podem tomar corpo, e de fato estão tomando, e causar grande atrapalhão aos nossos

objetivos. Antigamente, essa tal visão e sentimento da Natureza era coisa só de poetas; mas agora tem cada vez mais gente se preocupando e querendo sentir, "curtir" a Natureza, ao invés, simplesmente, de explorá-la e dominá-la, para o bem de toda a humanidade, como sempre foi e ainda é o tão abnegado propósito de nossas Ciências Exatas e Naturais e de nossa Tecnologia, desde Galileu, e também de nossa grande Ideologia humanística (pois o humanismo é no fundo um só), segundo a qual o homem é a medida de todas as coisas, é o rei da Criação, o dono da Terra, e tem, pois, todo o direito de tornar-se o senhor do Mundo, e agora, se possível, do Universo. Pois é. Mas não adianta a gente pregar no deserto - e "o deserto cresce" sem parar. Tanto melhor. E agora chega mesmo, deixemos de tantas reflexões, voltemos ao serviço, que é o que é: depois de aplicarmos neles (os cientistas dissidentes) toda aquela competente e igualmente científica receita, damos neles uma nova e moderníssima lavagem cerebral, e pode ser que eles melhorem. Mas nada de torturas corporais: é contra os nossos princípios humanitários, está na Carta dos Direitos Humanos que a nossa portentosa e caridosa civilização ocidental promulgou, e as Nações Unidas não cessam de proclamar, e, além do mais, se maltratarmos o corpo, acabamos perdendo o cérebro, que é o que mais nos interessa recuperar. Porém, se com todo esse devido e delicado tratamento, eles de fato não melhorarem e reincidirem em suas idéias meio anormais e suas atitudes não-neutras, então lavemos as mãos, que não tem outro jeito: o jeito é aplicarmos outros métodos e outras técnicas, severamente científicas, de neutralizá-los de uma vez, para não dizer... de matá-los. Pois a morte, para nós, segundo a nossa suma Ciência

ideológica, é a perfeição da neutralidade. Mas nem tanto assim: ainda resta esse velho problema - dialético, aliás - de que a vida renasce de suas próprias cinzas. (Até as cinzas - com os diabos! - chegam a ser cinzentas mas não ficam neutras!). Então lhes tiraremos os cérebros mortos, ou mortos-vivos, para novos estudos da Ciência. Agora, deixá-los sair, para irem servir a outros Estados, isso é que não, mas de jeito nenhum! Pois nós, altos funcionários desta burocracia teocrática - que é isso: - tecnocrática, e que sendo sábios ideólogos somos também sumos cientistas, pois soubemos fazer da nossa Ideologia a especialidade mais geral da Ciência, e vice-versa, bem sabemos o poder que o saber representa ou sempre representou, e que hoje, mais do que nunca, se identificam, e portanto não vamos cair na besteira de ceder nenhum algoritmo do nosso poder a outros calculistas e poderosos Estados. E assim dizendo, aquele convicto homem em fim se calou.

VI

Por outro lado, isto é, no outro bloco do mundo, mais tradicionalmente democrático (que ro dizer, de uma democracia tradicional mas que já não é tanto assim), a coisa não é muito diferente. Com efeito: se Oppenheimer, venha cá, "come in", "sit down". Olhe aqui, que negócio é esse?!, etc., etc.. O resto da história nós todos sabemos. E depois acabaram condecorando-o com a medalha Fermi, e ele contritamente recebeu. No livro de Jean-Jacques Salomon, que se baseia sobretudo na situação da Ciência nos Estados Unidos, e que traz uma interpretação lúcida do sentido do "affaire Oppenheimer", em revelador con-

fronto com o processo de Galileu, há uma nota que refere a entrevista dada ao New York Times, em outubro de 1969, por um Secretário de Estado do Presidente Truman, e que é impressionante: - Um dia, diz ele, acompanhei Oppie (Oppenheimer) ao gabinete de Truman. Oppie torcia suas mãos, dizendo: "Eu tenho sangue sobre as mãos". Mais tarde, acrescenta o entrevistado, Truman me disse: "Não me traga nunca mais aqui esse cretino. Não foi ele que lançou a bomba. Fui eu. Esse tipo de choradeira me adoece". Outra nota, mais atual e mais cruel: no artigo de Steven Rose e Hilary Rose, "Ideologia e Política nas Ciências do Cérebro: o Biologismo a serviço do Estado", e do qual já tiramos acima algumas informações, aqueles dois autores, que são ambos cientistas, mas conscientes e militantes da responsabilidade (isto é, da não-neutralidade) da Ciência, revelam coisas de arrepiar. Como esta: "Um menino de oito anos, inteligente, referiu-se às danfetaminas como "as pílulas mágicas que fazem com que eu se ja um bom menino e que as pessoas gostem de mim". E acrescentam: "Wender, autor de um livro sobre as tais "disfunções cerebrais mínimas nas crianças", afirma que a criança medicada (assim) se transforma de um "demônio agitado" em um ser "quieto e compassivo", com "melhor comportamento em classe, maior participação em grupo e melhores atitudes para com a autoridade". E com esta vantagem: que a ritalina é mais barata, diz ele, do que as "caras terapias não-orgânicas". Denunciam mais, aqueles dois cientistas não-neutros (ele, biólogo da Universidade Aberta, na Inglaterra; e ela, cientista social da Universidade de Bradford), e denunciavam nestes termos numéricos revoltantes e já assustadores: "Não há dúvida - protestam eles - de que a ritalina é atualmente

receitada em doses diárias de 5 a 40 miligramas, e com base em avaliações escolares, a 250.000 crianças norte-americanas". Sem comentários...!

Finalmente, o 3º sentido da alienação científica. Este, tirado diretamente do livro de Jean-Jacques Salomon citado na epígrafe, no qual há todo um capítulo sobre a alienação científica, analisada ali, precisamente, como decorrente da própria racionalidade da Ciência e de sua ligação inseparável com a Tecnologia. E isso não de hoje, mas sim desde os primórdios da Ciência moderna, cujo destino já estava assim por ela mesma traçado: como algo, senão inerente, pelo menos inscrito profundamente no seu próprio método, no seu modo e na sua atitude de conhecimento, no seu próprio modelo epistemológico (e não apenas nos seus vínculos ideológicos, como pensam alguns), e na própria natureza da instituição científica, que se fundou e se firmou historicamente, desde as suas origens (e já Bacon o afirmava), no pacto rigoroso entre o saber e o poder ("saber é poder"). Pacto implícito e congênito da civilização ocidental moderna, que veio explicitar-se completamente na época contemporânea e assume hoje cada vez mais o caráter ostensivo, e até imperativo (por força da competição sem trégua entre as chamadas "potências" mundiais), de um compromisso mútuo entre Ciência e Estado. A Razão científica tornou-se razão de Estado, e vice-versa. Exatamente como já rezava o catecismo hegeliano: "o racional é o real e o real é o racional" (o real, isto é, o mundo efetivo, o mundo físico, social, econômico, político, em suma, a re-pública, que cabe aos governos dirigir e administrar). Eis, pois, a definição exata da coisa, do estado atual do mundo, que Hegel bem percebeu, previu e propôs, e que constitui o próprio núcleo da con-

cepção hegeliana do Estado moderno e, reciprocamente, o ápice conceitual da sua Ciência absoluta. E de tal modo que esse compromisso mútuo e recíproco já adquiriu hoje a forma de uma dependência necessária e imprescindível, por laços diretos ou indiretos, da Ciência em relação ao Estado, mas também do Estado em relação à Ciência: uma coisa não vai, nem avança, sem a outra. E o elo poderoso dessa interdependência, como se sabe, é a Tecnologia, da qual tanto a Ciência quanto o Estado são ao mesmo tempo impulsionadores e impulsionados, ao mesmo tempo senhores e escravos dela. E todos três inteiramente acorrentados entre si, e tremendamente empolgados na mesma fúria e no mesmo impasse - que é o Progresso, o gigantesco Progresso, cada vez mais impulsivo e exasperado, como se vê. Tal é a imagem configurada, e verdadeira, efetiva, em nossa época, do Prometeu Acorrentado em que realmente se transformou o homem moderno, o mundo atual, agri-lhoado ao rochedo panlógico da Razão, ensandecido pelo próprio fogo do saber e pelo afã insano do progredir, a qualquer custo, reacorrentando - se assim, cada vez mais e obsessivamente, a vontade (niilista, diria Nietzsche) de poder, uma vontade dominadora e insaciável de mais e mais poder: sem já nem sentir, no seu prometeico esforço de razão (isto é, na sua gana científico-tecnológica de dominação), que por todos os lados ainda lhe corroem o peito, o ventre e o fígado - ou seja, as partes mais vivas de sua pobre humanidade - os velhos abutres da miséria, da doença, da fome e da opressão. É que esse agigantado senhor do mundo (que já representa o mundo todo como um colosso só, e inseparável), assim tão onisciente e todo-poderoso, comprometeu-se de tal modo nesse processo de racionalização, que

de fato já não é capaz de sentir (todo aplicado no saber) as dores do seu próprio corpo nem as dores gerais da humanidade: é como se, no seu êxtase racional, se tornasse completamente insensível e, com efeito, algo de rigorosamente neutralizado. Mas retomando agora o fio desta última meada: aquele (ou este) 3º sentido da alienação científica, Salomon o retira, confirmando-o e comprovando-o, já de Marcuse, que o expôs no seu famoso livro *O homem unidimensional*, assim formulado: "*a ciência elaborou o projeto de um mundo no qual a dominação sobre a natureza permaneceu (e permanece) ligada à dominação sobre o homem*". Por conseguinte, os cientistas e técnicos (ou tecnólogos, como seria de maior rigor, nesta aliança entre a ciência e a técnica, o saber e o poder, ou mais, a sede de saber e a vontade de poder), mesmo sem o quererem ou nem sequer desconfiarem, são hoje de fato com todos os seus (seus?) estupendos laboratórios, plataformas e parques e bases descomunais - como antigamente se costumava dizer de outros grandes "gênios" por simples figura retórica, não já somente os modestos e honestos, por isso mesmo admiráveis, gênios da Ciência, mas sim também os novos e formidáveis *Titães* da Humanidade, que se colocam, direta ou indiretamente, voluntariamente ou não, a serviço da tirania dos Estados. Portanto, não são mais os estudantes, como até há pouco se costumava dizer, mas sim, por paradoxal que seja, são os próprios cientistas - apesar de todo o seu saber, de toda a sua experiência, de toda a sua honestidade e boas intenções - que se tornaram, muitas vezes sem quererem (mas justamente por isso, isso mesmo que não percebem nem atinam) os mais típicos *inocentes úteis* do poder (e tanto mais úteis quanto mais neutros, obviamente).

Inocentes úteis do poder, embora não manifestamente, isto é: inocentes úteis da vontade de poder que hoje investe a sua alavanca avassaladora sobre o mundo todo e até já força a barra nos quatro cantos do Universos, e cujo braço titânico, no entanto desfarçadamente, é todo esse complexo técnico-científico-metafísico-metafísico que domina a nossa época, esta contraditória época atual, mas uma dominação que na verdade vem de longe, de longa data (como se diz).

Enfim, todos esses sentidos de alienação científica se interligam e mutuamente se completam: entrelaçamento, ou melhor, *acorrentamento* muito difícil de quebrar, ou simplesmente de suspeitar, porque se trata de uma forte cadeia histórica, institucional e mesmo epistemológica, cujos elos já nem se percebe. De tal modo que os cientistas, como prometeus modernos, já não são tão-somente o Prometeu acorrentado mas sim, mansamente, um Prometeu encalacrado, todo encalacrado na alienação! Portanto, mais do que um acorrentamento do corpo, das pessoas dos cientistas, há um profundo encalacramento do espírito científico - isto é, um encalacramento do intelecto dos homens de ciência (não necessariamente do seu caráter) e de toda a história da instituição científica - um encalacramento, portanto, que se arraiga no próprio inconsciente histórico da Ciência, e não apenas na consciência individual dos cientistas (como se sô os indivíduos fossem culpados individualmente, e não a própria instituição que os envolve, que os esmaga, que os subjuga, que os avassala enfim). Com efeito, teve razão o sábio Gaston Bachelard, na sua *Psicanálise do Fogo*, ao concluir que o complexo de Prometeu (assim o chama ele) é o complexo de Édipo da vida intelectual (científica inclusive, e

claro). Mas, felizmente, os próprios cientistas já estão tomando consciência disso. E é possível (e devemos confiar) que o bom centauro Quíron em breve os venha libertar dessas cadeias alienantes, para que uma nova fase se abra, da evolução criadora, que tenderá para o ser, para o vir-a-ser, e não mais para o poder. Para isso, porém, a Ciência não pode, evidentemente, ser neutra, se é que algum dia o foi realmente, nem pode isolar-se tanto, como hoje, das outras produções culturais, suas irmãs (mais velhas, por sinal).

B I B L I O G R A F I A

1. BACHELARD, G. *La psychanalyse du feu*. Paris, NRF, Coll. "Idées", 1965.
2. BLACK, M. *Modelos y metáforas*. Madrid, Tecnos, 1966.
3. CAPEK, M. *El impacto filosófico de la física contemporánea*. Madrid, Tecnos, 1973.
4. CAPRA, F. *The Tao of physics*. Berkeley, Shambhala, 1975.
5. DUPUY, R-J. *Politique de Nietzsche*. Paris, Armand Colin, 1969.
6. HABERMAS, J. *La technique et la science comme "idéologie"*. Paris, Gallimard, 1973.
7. FREYER, H. *Teoria da época atual*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
8. HEIDEGGER, M. *La question de la technique*. In: *Essais et conférences*. Paris, Gallimard, 1958.
_____. *Science et méditation*. In: *idem, ibidem*.
_____. *Qu'est-ce que la métaphysique?*. In: *Question I*. Paris, Gallimard,

- 1968.
9. LÉVY-LEBLOND, J. M. & JAUBERT, A. (Auto) *critique de la science*. Paris, du Seuil, Coll. "Points", 1975.
 10. SALOMON, J-J. *Science et politique*. Paris, du Seuil, 1970.

(E outros trabalhos eventualmente citados ou aludidos no corpo do texto).